



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
NORMAL SUPERIOR**

JAQUELINE VASCONCELOS RODRIGUES

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rio de Janeiro
2020

JAQUELINE VASCONCELOS RODRIGUES

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Patricia Gonzalez

Rio de Janeiro

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R6182i Rodrigues, Jaqueline Vasconcelos

A importância da literatura na educação infantil / Jaqueline Vasconcelos Rodrigues.— Rio de Janeiro: ISEPS, 2020.—
51 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2020. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador Professora Patricia Gonzalez

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação. 4. Literatura. 5. Mediação. 6. Leitura. I.Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

JAQUELINE VASCONCELOS RODRIGUES

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil. Aprovado em dezembro de 2020.

PROFESSOR ORIENTADOR

PROFESSOR LEITOR

PROFESSOR LEITOR

Rio de Janeiro

2020

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 16 de novembro de 2020.

JAQUELINE VASCONCELOS RODRIGUES

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, que me capacitou com saúde e sabedoria para estar todas as noites neste propósito, participando das aulas. Que eu possa ser fortalecida por ELE a cada dia, para ministrar na prática, com amor, essa linda profissão de ensinar. Dedico a todos os meus alunos que são os maiores incentivadores para minha qualificação profissional.

Dedico também a toda a minha família, meu marido e filhos, bem como meus pais e irmãos, pois, com este diploma universitário, estou representando cada um deles que não teve essa mesma oportunidade que eu, mas mesmo assim, sonham em cursar o ensino superior. Tenho certeza que, ao alcançar essa dádiva, o mérito não é só meu, pois estarei marcando de maneira significativa toda a minha descendência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, o autor e consumidor da minha fé, pela rica oportunidade de adentrar as portas desta faculdade, e enquanto aluna, poder aprender essa metodologia maravilhosa de ensino, que tem sido um divisor de águas na minha trajetória profissional.

Agradeço ao meu marido César, pelo incentivo e companheirismo, por cuidar do nosso lar, dos nossos filhos à noite, durante os três anos de curso, período em que estive ausente para participar das aulas.

Agradeço aos meus filhos, Ana Julya, Giovanna e Julio César, por agraciar a minha vida, me fazendo ir além das minhas forças, estendendo para eles como herança, um legado de estudos e conhecimentos.

Agradeço a minha mãe, por suas orações e palavras de conforto nos momentos em que eu me sentia cansada e fragilizada.

Agradeço a minha amiga Daiana Freitas, por me apoiar quando precisei de ajuda para digitar meu memorial.

Agradeço a minha amiga Edcleide, companheira de turma na Instituição em que eu atuo, pela parceria diária no desenvolvimento das atividades com as crianças.

Agradeço a minha amiga de turma na graduação, Márcia Lima, pela amizade e afeto durante todo o curso, assim como os demais colegas que hoje fazem parte da minha história, e, que, com toda certeza, levarei para sempre nas memórias e no meu coração.

Agradeço a minha professora e orientadora Patrícia Gonzalez, pela presença na construção desse trabalho, por toda sua atenção e dedicação.

Agradeço a todos os professores e profissionais do ISEPS, que sempre me acolheram com boa vontade e alegria.

Agradeço às professoras Cristina Porto e Maria Delcina Feitosa, por toda ajuda e orientação na formatação deste documento.

Agradeço a cada aluno meu, que tive o privilégio de conhecer durante a minha jornada profissional. Eles foram combustíveis para a realização deste sonho.

Agradeço a cada colega de trabalho que tive o prazer de conhecer e conviver, assim como pelas trocas de saberes e experiências.

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não pode dar se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.” (FREIRE, 2018).

RESUMO

Essa pesquisa apresenta uma reflexão crítica sobre a importância da formação de professores, baseada em uma concepção democrática de educação. O uso dos instrumentos metodológicos são ferramentas essenciais para o processo de ensino aprendizagem entre professores e alunos. Baseada em autores como Madalena Freire e Paulo Freire, que abordam a importância da formação do professor leitor e escritor, é possível perceber como se dá a relação das crianças com a leitura e a escrita, desde a primeira infância. A presença do professor comprometido se mostra determinante para que as propostas pedagógicas ocorram de maneira encantadora, bem como as práticas de leituras. Nesse sentido, é fundamental a presença do professor como modelo de leitor para que ocorram processos significativos de aprendizagem a respeito desse conhecimento. Este trabalho monográfico é fruto dos três anos de estudo sobre a capacidade de transformar a prática pedagógica através da observação, do registro, do planejamento e avaliação, bem como pautados na reflexão.

Palavras-Chave: Educação infantil. Literatura. Formação de professores. Práticas pedagógicas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O DESEJO E A BUSCA PELO SABER, UM PROFUNDO MERGULHO SI	14
2 A TEORIA E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR E ESCRITOR	26
3 DIÁLOGO DE LEITURA ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	41
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

Durante toda a minha infância sempre sonhei em ser professora, brincava de escolinha assim como a maioria das crianças brinca. Quando ingressei na escola, já estava com oito anos. Avançada na idade, eu já sabia ler e escrever, pois havia sido alfabetizada por uma vizinha. Apesar de não ter tido boas oportunidades de ensino e pouquíssima estrutura familiar, quando adulta, me encontrei na área da educação.

Na infância, não tive modelos leitores, lembro-me raramente do contato com os livros literários, a não ser na escola onde cursei as séries iniciais. Lá acontecia essa aproximação e eu experimentava a leitura de forma prazerosa, especialmente na biblioteca, que tinha o nome do autor “Monteiro Lobato”. Nos momentos das visitas mediadas pela professora, eu me animava e ficava na incansável expectativa das narrativas representadas, bem como, das imagens e ilustrações, abrindo e bisbilhotando todos os livros possíveis.

Infelizmente, a realidade vivida em minha primeira escola não foi a mesma encontrada em outras escolas que frequentei. Mas, para minha alegria, na época da adolescência, minha família se mudou para uma vila; lá, tínhamos um vizinho, o Douglas, da mesma idade que eu - 11 anos, e a mãe dele, assim como a minha, passavam o dia fora, trabalhando. Foi então que passei a observá-lo todas as tardes, sentado na janela de sua casa, devorando seus diversos Gibis da Turma da Mônica. Certa vez, ele me perguntou se eu queria alguns emprestados. Mesmo sabendo que minha mãe não permitiria “aceitar nada dos outros”, eu me arrisquei nessa aventura. Apesar de sentir medo do risco, confesso que o prazer desse momento especial era muito maior, me fazendo transbordar de felicidade.

Hoje percebo que eu ficava como a personagem do livro “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, que ao ler o livro de Monteiro Lobato, dizia: “A felicidade sempre iria ser clandestina para mim” (1998, p. 12). Mas, ao contrário da personagem, eu devorava os livros entre os afazeres domésticos, na ausência de minha mãe. O mais instigante de tudo isso era que havia uma estante gigantesca, com inúmeros gibis, me esperando todas as tardes. A sementinha, uma vez lançada, estava ali brotando dentro do meu ser.

Nos momentos de leituras, era como se eu me transportasse daquela realidade pesada e cruel que eu vivia. Na literatura, eu tinha o prazer de ser quem eu quisesse ser, de visitar lugares desconhecidos, povoados por diferentes pessoas. Acredito, que uma vez experimentado na infância o prazer de leitura, a criança crescerá com o desejo dentro de si, ainda que as condições não sejam favoráveis.

Nesta monografia, ao detalhar minhas experiências durante os três anos de curso, pensei na minha própria história, enquanto educando e educador, compreendendo a importância da formação de professores para uma atuação qualificada, onde o sujeito deve ser consciente, refletindo sobre suas ações, no ato de ensinar e aprender.

No Pró-Saber, eu tive a oportunidade de fazer parte do curso Normal Superior, e ser afetada de forma positiva pela metodologia adotada. Ao fazer a formação de professores, eu me redescobri como profissional da Educação, mas, sobretudo, como ser humano. Sob a perspectiva de uma concepção democrática de Educação, eu pude construir inúmeras aprendizagens ao participar de enriquecedoras experiências, desenvolvidas na riqueza das propostas pedagógicas, onde a empatia, a solidariedade, e a comunhão são imprescindíveis, para que todos caminhem juntos em seus processos de transformação.

Aqui não somos apenas um número na ficha de chamada, somos enxergados e reconhecidos como seres produtores de cultura, que tem, na sua história de vida, saberes para compartilhar. A singularidade de cada aluno é vista, reconhecida pelos professores, e, ao longo do curso, em uma parceria e interlocução entre as disciplinas, somos desafiados a superar os desafios, bem como criar estratégias para potencializar as nossas habilidades.

As inúmeras aprendizagens acontecem através das interações e vivências, em um ambiente acolhedor, em que somos convidados a participar da construção das aulas, onde há sempre espaço para os questionamentos e as dúvidas dos educandos. Assim, a aprendizagem se torna significativa, e todos aprendem juntamente com seus pares, e na vida de grupo.

Os instrumentos metodológicos fazem parte da metodologia e conduzem alunos e professores em um caminho trilhado por descobertas e conhecimentos. Todas as disciplinas dialogam muito comigo, mas confesso que a literatura me

atravessou de forma única, me fazendo perceber a importância de ofertar a leitura nos espaços de Educação Infantil, para assim, possibilitar o gosto pelos livros desde cedo na vida das crianças, colaborando para a formação do adulto leitor e escritor.

Com a minha pesquisa, quero poder contribuir para a conscientização da necessidade da formação continuada de professores, visando ampliar o conhecimento dos profissionais que atuam na educação, bem, como para ressaltar a relevância das práticas de leitura nos espaços educativos.

Observamos que é na primeira infância que as crianças começam a desenvolver a linguagem, por meio da escuta da palavra falada. Com a mediação da leitura, o professor pode proporcionar ricos momentos de aprendizagem, onde as crianças possam se desenvolver e se expressar melhor, trazendo suas inquietações, questionamentos e curiosidades pelas coisas do mundo. A partir do encontro com a leitura é possível favorecer a ludicidade ampliando a imaginação dos pequenos.

Este trabalho traz a minha história de vida, minhas experiências e vivências como parte constitutiva do meu processo de formação, o qual foi complementado e ampliado nos três anos que cursei o Pró-Saber. Quero trazer o olhar e a compreensão do leitor para a importância do ato de ler e contar histórias na Educação Infantil, prática tão importante e determinante na minha história. Evidencio, através do meu registro, como essa ação pode colaborar de forma eficiente para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças. Meu desejo é que com essa pesquisa, nós educadores, possamos ter um maior entendimento sobre esse assunto, que atualmente tem sido tema de diálogos em nossas escolas.

Esse trabalho monográfico está dividido em 3 capítulos, organizados da seguinte forma: O primeiro capítulo conta a minha experiência com a leitura e a escrita, na infância e na vida adulta, dentro do espaço escolar, e como isso foi fundamental e impactante na minha formação enquanto adulto leitor e escritor. O segundo capítulo traz a minha experiência com a literatura e a metodologia de ensino como aluna no curso. O terceiro capítulo traz a intensificação do diálogo com os teóricos como fonte de inspiração e sustentação para as práticas pedagógicas e de leitura na sala de aula, enquanto aluna do Pró-Saber e professora regente de turma de educação infantil.

1 O DESEJO E A BUSCA PELO SABER, UM PROFUNDO MERGULHO EM SI

Meu primeiro ano de curso no Pró-Saber foi fundamental para que eu pudesse fazer o resgate das minhas lembranças de educanda e educadora, ressignificá-las, transformando-as em memórias. Foi preciso uma desconstrução, para que gradativamente eu pudesse compreender um novo modo de ensinar e aprender, trilhando um caminho de busca, desafio e superação. O mergulho em mim mesma possibilitou várias descobertas, partindo das desconstruções e reconstruções que ocorreram durante todo o curso, me fazendo construir uma visão crítica e reflexiva do mundo, onde me vejo como sujeito que dialoga, pensa e reflete sobre sua própria história.

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar e esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar se com os outros para fazer de outro modo (FREIRE, 2014, p. 110-111).

Caro leitor, o que trago aqui nesta monografia é um pouco da minha caminhada enquanto profissional da educação infantil, que teve início bem cedo, aos meus dezoito anos de idade. Confesso, que diante das dificuldades que eu vivia, naquele momento da minha vida, estava contando os dias para alçar voo e alcançar a minha liberdade, queria realmente ingressar no mercado de trabalho e ter uma renda mensal para ajudar minha família. Apesar de, na época, ainda estar cursando o ensino médio, e não ter nenhuma experiência registrada na carteira de trabalho, sempre ajudei a minha mãe nos afazeres domésticos, bem como nos cuidados com os meus irmãos menores.

Então, ao desabafar com uma amiga educadora, a Rita, com quem eu dividia uma turma na escolinha dominical da igreja onde eu congregava, a mesma me incentivou a entregar meu currículo para estagiar em uma creche municipal, em que ela trabalhava. A princípio, seria apenas para cobrir uma licença maternidade, por um período de quatro meses, porém, esse tempo foi se estendendo até que fui contratada por meio de uma Organização não Governamental - ONG, como auxiliar de professora.

Logo neste primeiro contato com a profissão, fui atravessada de maneira única, literalmente me apaixonando pela Educação Infantil. Era uma instituição

municipal, chamada Fundação Municipal Lar Francisco de Paula - FUNLAR, situada no bairro de Vila Isabel, Rio de Janeiro, que na época pertencia à Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência - SMPD, sendo referência por ser uma creche inclusiva e muito reconhecida pelo seu lindo trabalho pedagógico, com acessibilidade e atendendo as crianças com deficiência. Lá tínhamos capacitações mensais com profissionais da área técnica da saúde e da educação, visando ofertar um atendimento de qualidade para as crianças.

E já durante meu primeiro ano de trabalho, tive o prazer de auxiliar a professora Thereza, uma profissional incrível e muito competente, que me apresentou o mundo da educação infantil, permeado de brincadeiras, ludicidade e afetividade. Eu admirava demais esse modelo positivo de educador, que me inspirava profundamente pela busca do conhecimento.

O desejo sempre foi a mola propulsora para me fazer ir além das minhas condições, mas, em contrapartida, a falta de estímulos e oportunidades do mundo externo me colocavam em um lugar de desconforto, me fazendo por vezes pensar que não era possível. Assim, nessa luta constante do meu “eu”, com quem eu desejava me tornar, busquei subsídios na minha fé em Deus para resistir às dificuldades e prosseguir na incessante busca do saber.

Enquanto humanos somos incompletude, convivemos permanentemente com a falta. Sempre falta. É da falta que nasce o desejo. Porque seres incompletos, no convívio permanente com a falta, somos sujeitos desejantes. Desejamos e sonhamos um mundo melhor, uma vida melhor, sonhamos e desejamos melhorar o mundo, melhorar a vida, lutando em aprender mais, “Ser mais”, superando nossos desafios e limites (FREIRE, 2008, p. 24).

Eu sempre me emociono ao falar da Instituição FUNLAR, por ser muito marcante e especial na minha vida, já que trabalhei lá por 10 anos, em horário integral. Foi lá que, além de aprender muitas coisas, também conheci meu esposo, o César. Esse homem, que até hoje, além de marido, é também meu companheiro e amigo, sempre me incentivou a estudar, me apoiando em todas as minhas escolhas. E juntos construímos uma linda família, com três filhos maravilhosos. Minhas filhas Ana Julya, hoje com 19 anos, e Giovanna, com 17, frequentaram essa creche desde os 04 meses de idade. E, por incrível que pareça, após 13 anos, tive meu filho Júlio César, que está com três anos e que também frequenta a educação Infantil da instituição.

No ano de 2008, aos 28 anos de idade, fui aprovada em um concurso público, no cargo de Agente Auxiliar de Creche, no município do Rio de Janeiro, sendo lotada para trabalhar na Creche Municipal Irmãs Batista, no bairro de Copacabana. Vale lembrar, que naquela época, as creches estavam passando por uma transição, saindo da Assistência Social, para ficar sob os cuidados da Secretaria Municipal de Educação- SME. Nós, agentes auxiliares, fomos, nos primeiros anos, desafiados a atuar sem professores dentro das salas de aula, tendo que elaborar e desempenhar atividades pedagógicas com as crianças, sob a supervisão e orientação de uma única professora articuladora que atuava na instituição.

E digo para vocês que foi durante esse período que eu percebi o quanto era importante a formação do educador, pois, diferente de mim, muitos colegas chegavam a esse espaço de educação para ocupar esta função, completamente despreparados, sem nenhuma experiência em relação à educação de bebês e crianças pequenas. Foi então que, com o desejo de crescer nessa área, fiz a formação de professores a nível médio, o curso Proinfantil, proposto pela própria gestão de educação da prefeitura e que me fez entrar em contato com um rico material didático e uma metodologia que dialoga muito com o ensino do Pró-Saber.

A formação pode estimular o desenvolvimento profissional dos professores, no quadro de uma autonomia contextualizada da profissão docente. Importa valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação das políticas educativas (NÓVOA, 1992, p. 16).

Ao longo dessas minhas experiências de trabalho, observando a prática docente dos educadores e da minha história de vida, fiz a minha escolha profissional. Tenho que reconhecer que foram alguns profissionais éticos e democráticos que me instigaram nessa preciosa missão de educar. Através dos diálogos e das trocas de experiências com os colegas da profissão, meu repertório de conhecimentos sobre como atuar foi se ampliando, me encorajando assim a buscar com a formação de professores, a fundamentação teórica.

Ouvir as narrativas e as lembranças é a visão de mundo do sujeito, que é sempre constituída pela história e pela memória. Essa perspectiva revela outra concepção de formação, que valoriza a subjetividade e compreende que as práticas docentes se encontram

enraizadas em contextos e histórias individuais e não só no momento em que os professores entram em contato com as teorias pedagógicas nos centros de formação (PENA, 2015, p. 7).

E foi nessa jornada, com tropeços e desafios, que me encorajei a lutar pelos meus ideais e me tornar uma professora regente. Não posso deixar de mencionar a força das amigadas e do incentivo de alguns colegas da profissão, que sempre estiveram ao meu lado, trocando e me elogiando, fazendo parte desse meu caminho.

A compreensão de que os professores vão se formando em contextos e tempos diversos fundamenta a necessidade de criar um espaço de diálogos com esses profissionais, para que através da linguagem seja possível recriar o elo que se perde quando os homens são transformados em meros reprodutores e consumidores, assumindo o lugar de autores da própria vida. Ao narrar, as pessoas se deslocam do lugar da vivência, das comunicações instantâneas e recuperam a capacidade de contar experiências. Dessa forma a narrativa se associa com a memória, com a oportunidade de deixar marcas (PENA, 2015, p. 7).

Finalmente, no ano de 2014, com toda experiência vivida, com esforço, lágrimas e alegrias, me desafiei a participar de mais um concurso público, agora para o tão sonhado cargo de Professor de Educação Infantil do Município do Rio de Janeiro - PEI. E com muita honra, fui aprovada, galgando um lugar de referência dentro do contexto social, me tornando quem eu tanto desejava ser, Professora Regente de Educação Infantil.

Essa conquista foi alcançada com muito enfrentamento do medo, e, o que parecia um sonho, se tornou parte da minha história, do meu caminho, que hoje compartilho aqui com vocês. Sempre que eu tenho oportunidade, costumo contar o meu testemunho para as pessoas, para incentivá-las a acreditar que com desejo e disciplina é possível realizar os nossos sonhos. Pois, assim como diz Pena (2015, p. 12), a formação de professores também precisa se humanizar, incluindo as histórias e as experiências de cada professor; precisa ser marcada pelas muitas vozes que a compõem, abrindo espaço para o diálogo e para a formação cultural.

Atuando no cargo de professor em uma nova instituição, a creche Germinal da Vila, no bairro de Vila Isabel, inserida em um novo ambiente de trabalho, com profissionais com nível superior, me sentia inferiorizada,

principalmente durante as reuniões pedagógicas, mesmo compartilhando a minha prática e contribuindo para a troca de experiências.

Fui me conscientizando que estar na função de professora regente, ter amor pelas crianças e saber cuidar não era suficiente para desenvolver um bom trabalho pedagógico. Também não é suficiente ter a formação necessária se atuarmos de forma autoritária, como detentores do saber, sem troca de conhecimento e sem alegria. Segundo Madalena Freire se faz necessário, "gostar de gente", ter paixão pelo que faz e estar sempre atualizado quanto às novas metodologias de ensino.

Foi então, no ano de 2017, em um dos momentos mais sensíveis da minha vida, durante a licença maternidade do meu terceiro filho, que me vi decidida a voltar a estudar, a ter a formação em nível superior, tão fundamental na função que hoje ocupo. Embora eu soubesse que era essencial essa formação enquanto profissional, não queria pura e simplesmente obter um diploma universitário, mas sim aprender a teoria de forma eficaz e transformadora, que ficasse introjetada, para que pudesse aplicar na minha prática. A resposta chegou por meio de um anúncio no Facebook: um post sobre a inscrição do vestibular da Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

O Pró-Saber é uma faculdade particular gratuita, que trabalha pela valorização da educação, acreditando que a educação infantil de qualidade é condição primordial para a solução do problema do analfabetismo e o principal pilar da redução da desigualdade no Brasil. Desde 2004, a instituição tem como objetivo formar professores que trabalham nas creches da rede pública do município do Rio de Janeiro e atingir assim, muitas crianças direta e indiretamente, através da atuação dos profissionais que se formam nela, sob uma perspectiva de concepção democrática de educação.

No dia da prova, eu estava muito apreensiva e os sentimentos são indescritíveis, pois era um turbilhão de emoções, meu coração acelerava, minhas mãos suavam e a barriga doía. Que aflição tantas pessoas reunidas ali com o mesmo propósito! A expectativa do resultado também não me deixava relaxar. Mas, para minha surpresa, fui classificada em primeiro lugar! Foi um sentimento indizível, quanta felicidade! E eu mal sabia que a grandiosa transformação ainda estava por vir.

Hoje posso dizer com certeza que seria maravilhoso se todos os educadores do mundo pudessem ter a oportunidade que eu tive. Como aluna do Pró-Saber, pude viver as experiências mais incríveis e transformadoras da minha vida; foi um divisor de águas na minha história.

O primeiro desafio foi o de escrever o memorial sobre a minha vida de educando e educador. Este foi só o começo de um profundo mergulho nas minhas memórias adormecidas, continuando durante o primeiro ano da graduação. Logo nas primeiras aulas, fomos apresentados aos instrumentos metodológicos, que são parte da teoria de Madalena Freire, coordenadora pedagógica do curso, nos fazendo compreender a necessidade desse conhecimento e da apropriação dessas ferramentas no processo de ensino aprendizagem.

Os instrumentos metodológicos nos possibilitam fazer educação com um novo olhar, onde a observação, o registro, o planejamento e a avaliação tornam-se permanentes no ensinar do professor. Ao fazer uso destes instrumentos, torna-se possível que o profissional da educação atue em sala de aula com autonomia e destreza, propiciando uma aprendizagem significativa para seus alunos, com espaço para o diálogo, questionamentos, dúvidas, incertezas e levantamento de hipóteses por parte dos educandos. Eles trazem a importância do exercício sistemático da reflexão, como prática diária do cotidiano, refletindo sobre nossas relações e ações no mundo.

Neste sentido, Nóvoa (1992) diz que, “é a reflexão sobre a experiência que é formadora, não a experiência por si só”. Acredito que pensar na minha trajetória de vida me possibilitou compreender como se deu meu processo de aprendizagem. É a partir da construção desse conhecimento, que o professor consegue tomar a consciência necessária para repensar a sua própria prática. Através do exercício da reflexão, percebo que todas as experiências vividas, mesmo as negativas, foram necessárias para constituir a pessoa que sou hoje.

Na graduação do Pró-Saber, tive espaço para falar sobre minhas vivências, assim como ouvir as dos meus colegas de turma, e na constância dessas trocas, com todos tendo voz e vez, fomos construindo e valorizando nossas narrativas. Percebo que é somente a partir da escuta do outro, que vamos elaborando e tomando gosto em compartilhar as nossas próprias histórias. Consigo agora compreender, que é preciso me conhecer para me

reconhecer no outro, e assim, poder ajudar meus alunos e as pessoas a minha volta, colaborando com suas histórias de vida.

Porque somos “geneticamente amorosos”, somos “geneticamente sociais”. Nascemos de dois, em um grupo, nossa família. E, daí em diante, não paramos de viver em grupo e depender dos grupos onde aprendemos, trabalhamos. Dependemos sempre do outro que nos completa, nos amplia, nos esclarece, nos limita, nos retrata no que somos, no que nos falta, porque somos incompletudes e unicidade (FREIRE, M., 2008, p. 25).

Diante disso, foi preciso o ato de refletir, desconstruindo alguns traumas, para assim, ressignificar toda a minha história. Agora entendo que, mesmo tendo nascido em uma família desestruturada, com pouquíssimas condições de educação, isso não foi determinante, para que eu possa definir quem sou. Posso dizer que foi através das interações, com exemplos de pessoas e educadores, que eu fui tecendo a costura da minha própria história.

Resgatar, salvar do aquecimento alienado, as lembranças de nossas histórias pedagógicas com nossos modelos, é entrar em diálogo crítico também a entende-lo, superá-lo, esquecê-lo, como ato consciente de quem perdoa. Muito diferente do estágio de amnésia que se encontrava anteriormente (FREIRE, 2008, p. 42).

Lembro do meu primeiro dia de aula, da emoção de pisar naquele chão e sentir a natureza ali presente, bem como, toda a harmonia do ambiente, desde a recepção da secretária, Claudia Casa Nova, de todos os funcionários até do corpo docente. Na nossa primeira noite, no pátio interno, ansiosa para começar a aula, pude observar a turma, olhares desconfiados, sorrisos de canto de boca, quase não se ouvia barulho. Mas, para nós, acho que era o silêncio mais vibrante que poderia existir.

A primeira aula ministrada pela nossa querida mestre Madalena Freire foi uma sacudida na nossa realidade, que veio nos tirar do lugar de conforto, de vitimização e de lamúrias. Era o real, “o choque do velho com o novo”; nossos corpos se expressavam com alguns rostos pálidos, olhares se cruzando. Eu confesso que estava suando de nervoso, com a barriga a borbulhar, e muito ansiosa para registrar tudo o que ela estava trazendo em sua poderosa exposição. Eu só conseguia admirá-la em seu discurso autêntico e cheio de paixão pela educação.

A causa dessa ansiedade é o choque do velho e o novo dentro de nós, que existe sempre e que nos impulsiona a crescer. Sem o velho não

se constrói o novo. Jogar fora o velho para assumir o novo, é tentar resolver falsamente essa ansiedade (FREIRE, 2008, p. 80).

Nas aulas foram nos apresentados por ela, os pontos de observação, que fazem parte da metodologia do curso. São reflexões sobre três questionamentos, elaborados previamente e apresentados pelo professor (chamado de coordenador), no início da aula: ponto de observação da aprendizagem - com o foco na aprendizagem dos conteúdos; ponto de observação da dinâmica – direcionado para um componente que fica encarregado de observar o grupo de alunos e de que forma esse se apresentou durante a aula, as interações e contribuições ou omissões dos individuais; e ponto de observação da coordenação - visando o ensinar do professor, se soube conduzir os encaminhamentos, fazer as intervenções necessárias e as exposições dos conteúdos, sempre no exercício de centralizar e descentralizar as vozes de maneira equilibrada.

Nesta concepção democrática de educação, alunos e professores têm direitos iguais com diferenças nas autoridades. Esses pontos de observação, servem como foco para que todos estejam plenamente envolvidos na aula, não se distraíndo com outros pensamentos e preocupações do mundo externo. Os pontos são socializados ao final para que, como um instrumento avaliativo, contribuam para a hipótese de planejamento futuro.

No início, foi difícil ter essa compreensão, mas no constante exercício, eu pude perceber os benefícios dessa avaliação para todos os envolvidos. O Pró-Saber tem uma visão ampla sobre a perspectiva do olhar do outro. Cada professor tem, por exemplo, um observador que o ajuda no momento da aula, registrando tudo o que ocorre, no ato, para que, posteriormente, ele possa refletir sobre seu ensinar e sobre as aprendizagens dos educandos. Segundo Freire (2008, p. 46): “Só podemos olhar o outro e sua história se tivermos conosco uma abertura de aprendiz, que se observa (se estuda) em sua própria história”.

Durante esse percurso, foi emocionante acompanhar não só o despertar das minhas lembranças, mas também o dos meus colegas, que foram se evidenciando nos depoimentos e relatos de memórias. E foi nas aulas de “Oficina de Leitura e Escrita”, com a professora Liana Castro, que eu me vi paralisada, exatamente ali, na leitura e na escrita, onde o encantamento de outrora já não

existia mais. Percebi que minhas leituras eram somente de estudo e trabalho, quase que obrigatórias e isso me chocou. Mas, comprometida com um trabalho rigoroso e disciplinado, pude desfrutar do privilégio de conhecer as obras de alguns escritores de literatura, como: Bartolomeu Campos de Queirós, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector, Monteiro Lobato, entre outros, e novamente me encantar com o mundo literário que lá atrás havia me flechado.

O exercício permanente do ato de ler e escrever também me levou novamente ao encontro e à apropriação da autoria da escrita, percebendo assim, o tanto de ouro que estava guardado dentro de mim, me fazendo tomar consciência do tanto que tenho a contribuir com o outro e com o mundo. O Pró-Saber me fez sentir novamente o desejo de ler e escrever, seja por estudo, ou simplesmente por puro prazer.

Histórias que entram em cena mediadas por suas lembranças. Tais lembranças, necessitam ser faladas, escritas, lidas, assumidas, afirmadas, escutadas para poderem assim ganhar status de memórias, serem lapidadas. Elas nos habitam individualmente, mas seu nascimento, há muito aconteceu no coletivo (FREIRE, 2008, p. 42).

Aprendemos, nessa graduação que, para fazer realmente uma educação democrática, segundo Madalena Freire, é preciso conhecer e se apoderar dos instrumentos metodológicos, fazendo o uso constante da observação, do registro, do planejamento e da avaliação. Compreendo a importância de registrar, no ato da aula, mas também após uma reflexão, sobre as experiências vividas. Aprendi que, ao registrar, não me deixo trair pela minha própria memória, deixando os acontecimentos, as falas, gestos, questionamentos, dúvidas e inquietudes dos educandos caírem no mar do esquecimento. E que, com essa ferramenta, tenho a possibilidade de poder sempre voltar a esse registro para refletir e avaliar o meu próprio ensinar, a aprendizagem das crianças, bem como elaborar planejamentos de atividades que façam sentido, dentro do espaço escolar.

Outra constatação dessa metodologia é que somente aprendemos, a partir do que já sabemos: “Constatar no resgate de nossas lembranças que só ficou o que tinha sentido e significado é o “bisturi” para a consciência do que é aprendizagem significativa, do que é construir conhecimento e do que é fazer história”. (FREIRE, 2008, p. 43).

Compreendo então que essas ferramentas são essenciais para a atuação em sala de aula, clareando o caminho e o processo vivenciado entre professores e alunos, proporcionando assim, aprendizagens muito mais significativas.

Nas aulas com a professora Patricia Gonzalez, na disciplina sobre o currículo da educação infantil, aprendemos sobre os direitos da criança e sobre a importância de reconhecer a mesma como sujeito pensante, que carrega e produz cultura, e que deve ocupar um lugar de destaque, sendo protagonista de sua história e participante ativa na construção do conhecimento, tendo espaço de voz e vez dentro do grupo, trazendo seus questionamentos, dúvidas, perguntas e curiosidades. E é por meio deste movimento constante que as crianças vão compreendendo o mundo em que vivem e vão construindo suas próprias narrativas de vida.

Como aluna desta instituição, posso garantir que o diferencial desse curso não está somente na metodologia de ensino apresentada, mas sim, na aplicação da mesma durante as aulas dos professores da graduação. Fui atravessada de diferentes maneiras pelas experiências que vivenciei nos nossos encontros, fazendo assim, reverberar na minha prática a esperança de um novo olhar para um mundo, onde, com acolhimento e alegria, é possível oferecer uma educação pública de qualidade.

A valorização da pessoa humana é um dos temas mais abordados em nossas rodas de conversas. Os professores são modelos positivos de como receber e acolher os alunos em suas singularidades, dentro das diversidades do grupo. A proposta do olhar sensível e pensante tem me provocado sair do lugar comum, do olhar cristalizado para estereótipos, dificuldades e necessidades dos alunos, proporcionando estratégias que alavanquem suas potencialidades.

A interação é a chave para essas conquistas, as aulas são construídas no grupo e com o grupo, onde todos são vistos como sujeitos pensantes. O ato de estudar pode ser feito individualmente, mas, para construir conhecimento, cada um depende do outro, depende da parte do outro que é seu saber, expresso nas tarefas. Com isso, aprendo a importância da socialização e do trabalho em equipe, pois o grupo é formado por pessoas que têm um objetivo comum.

Com a professora Clara Araújo e o estudo sobre a formação dos grupos primários e secundários, passei a entender que neles se desenvolvem papéis, e esses devem estar em constante circulação entre os componentes do grupo,

para não se cristalizar em um só sujeito. É preciso que todos os envolvidos tenham liberdade e responsabilidade, para que, com rigor, possamos estabelecer e cumprir as metas nos trabalhos coletivos, bem como se expor, se impor e se dispor, quando necessário.

Num grupo estamos sempre nos expondo. Tanto para o olhar dos outros quanto, principalmente para o olhar interpenetrante, leitor, da coordenação. Mesmo no silêncio omissivo, escondido, na divergência ou concordância camuflada, e ou nas falas paralelas, nos sinais, gestos, entre alguns, ou nas risadinhas, sorrisos disfarçados e ou nas falas de cochichos que não falam do real conflito, cancer escondido no fundo do baú, e ou nos comportamentos invasivos[...] Estamos sempre nos expondo (FREIRE, 2008 p.156-157).

Essa tomada de consciência foi muito importante para a minha formação, me conhecer e me reconhecer no outro, no constante exercício da exposição, compartilhando as críticas construtivas, foi essencial para entender que: “Somos “geneticamente sociais”, fazemos parte de um grupo onde nossa produção alicerça o produto coletivo: a aula” (FREIRE, 2008, p. 150).

O Pró-Saber traz esse olhar para a importância da nossa completude no outro. Através dessa concepção, nos sentimos pertencentes, valorizados e responsáveis pelos fracassos e conquistas que ocorrem no grupo.

Todas as disciplinas dialogam muito comigo; a cada aula me sentia provocada a pensar a respeito da elaboração de atividades contextualizadas. Os entrecruzamentos das disciplinas me auxiliaram na construção da minha própria autonomia. As propostas dos trabalhos em subgrupos me possibilitaram um novo olhar para o outro no grupo e com o grupo. Madalena Freire defende que isso só é possível no constante exercício da tentativa de ensinar e aprender, se despindo do ranço autoritário e espontaneísta, na busca da construção de uma relação democrática.

Educador que, também, se disponha a acompanhar o processo de instrumentalização para a apropriação da reflexão (pensamento: prática e teoria) de seus educandos. Pois, identificando se (vendo-se) nas hipóteses destes, poderá trabalhar no terreno dos desejos abortados, ou seja, resgatar o processo de aprendizagem do pensar que a relação autoritária sufocou (FREIRE, 2008, p. 151)

Atualmente, através do uso constante dos instrumentos metodológicos, e do currículo narrativo, eu consigo atuar de maneira consciente. Refleto sempre sobre o meu ensinar, assim como, sobre as aprendizagens das crianças,

acompanhando seus processos de desenvolvimento. Segundo Freire (2008, p. 136): “Observar uma ação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, para ser iluminada por ela. Observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela, na cumplicidade, da construção do projeto, na cumplicidade pedagógica”.

Percebo que, através do meu comprometimento com a educação das crianças, é possível elaborar atividades significativas, onde as propostas pedagógicas sejam momentos de interação, trocas e descobertas.

2 A TEORIA E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR E ESCRITOR

Posso afirmar, com os nossos estudos e com tudo que vivenciei durante os três anos de curso no Pró-Saber, começando no ano de 2018, que fui afetada positivamente por essa metodologia de ensino. Confirmando, portanto, o que Madalena Freire (2008) afirma:

Como seres humanos, nos diferenciamos dos animais por nossa capacidade de aprender, mudar, transformar, criar, fazer história, na qual o pensar alicerça esse processo de mutação. Pensar envolve duvidar, perguntar, questionar. É uma maneira de investigar, pesquisar o mundo, as coisas. Por isso encerra algo que perturba, provoca mal-estar, insegurança, porque algo que nos parecia seguro foi atingido em nosso pensamento. Pensar sempre envolve os outros. Pensamos porque alguém nos impulsionou a buscar uma resposta. É sempre o outro que nos obriga a pensar, e mesmo quando sozinhos os outros habitam nosso pensamento (FREIRE, 2008 p. 48).

Ainda segundo a autora, as constantes reflexões críticas sobre a própria prática são fundamentais. Posso dizer, que, a princípio, uma das coisas que mais me chamou a atenção e conseqüentemente me atravessou durante o curso, na metodologia de ensino, é a maneira como o Pró-Saber desenvolve seu lindo trabalho pedagógico, fazendo com que ocorra a tão desejada interdisciplinaridade. Com isso, conseguimos tecer com os fios de cada uma, formando uma bela costura, onde todos os envolvidos professores e alunos aprendem mutuamente, de forma significativa.

Aqui compreendi sobre a importância de educar o olhar e de ter sensibilidade com o próximo, com a natureza e a arte. Fui diariamente provocada pelos professores a pensar sobre as formas de ensinar e aprender, reconhecendo o professor como facilitador do processo de ensino aprendizagem, para assim, fazer educação, partindo das minhas próprias experiências. Para Nóvoa (1992, p. 13), “a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos, ou técnicas), mas sim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência”.

Uma das minhas experiências mais marcantes foi com as aulas da professora Melissa Lamego, na disciplina de “Alfabetização Cultural”, que é um

diferencial dessa formação de professores, e nos acompanha durante os três anos de curso. Esta disciplina tem como objetivo promover um mergulho no mundo cultural e artístico, através de visitas a espaços culturais para que os alunos possam conhecer e frequentar esses lugares com pertencimento. Visitamos o Theatro Municipal, o Museu da República, a Feira Literária Internacional de Paraty - FLIP, entre outros. Visa trazer a compreensão sobre a importância desse conhecimento e sobre a representatividade que deve ter desde cedo na vida das crianças, para que se tornem adultos, não só inseridos no mundo cultural, mas também, mais cientes de seus direitos.

A partir dessa perspectiva, pude entender o quão essencial é, como educadora, me nutrir da arte e do conhecimento, para poder compartilhar o que carrego de saberes adquiridos, através das experiências vividas. As aulas de “Arte e Educação”, coordenadas pela professora Luana Gonçalves, foram essenciais para estimular minha observação e habilidades quanto ao desenho. Com sua orientação e exposição dos conteúdos referentes à história da arte, eu pude conhecer um pouco mais sobre as mesmas, e compreender que a arte de desenhar e pintar não vem de um dom inato como eu acreditava, mas sim de um exercício diário para um maior aperfeiçoamento. Essas aulas foram essenciais, principalmente, para disciplinar o nosso olhar. Nos desenhos de observação, tive a oportunidade de experimentar, reproduzir os objetos e as pessoas, em traços finos e marcantes, de acordo com a perspectiva do campo de visão e do ângulo de cada um.

Fotografia 01 -- Meus desenhos de observação



Autor da fotografia: Jaqueline Vasconcelos Rodrigues

Fazendo um paralelo entre minha prática na Educação Infantil e as aulas de “Práticas Pedagógicas - Etapas Evolutivas do Desenho”, com a professora Madalena Freire, observei a importância do exercício do desenho na vida das crianças, dentro dos espaços das creches e pré-escolas. A querida Madalena nos deu encaminhamentos necessários, ressaltando os resultados benéficos dessa prática diária inserida na rotina das crianças desde a primeira infância. A partir disso, eu pude compreender que o desenho é uma linguagem e uma forma de representação simbólica. Através dele, a criança se expressa, deixando sua marca no papel e comunicando seus pensamentos e emoções. Freire (1983, p. 25) ressalta que “é construindo representações que a criança registra, pensa e lê o mundo”.

Essa possibilidade diária, proporciona para as crianças a construção de suas autorias e compreendo agora o desenho como a primeira escrita da criança. Por isso é imprescindível o professor proporcionar momentos livres como este, não oferecendo desenhos prontos aos pequenos, mas incentivando-os a criar, apresentando o mundo e chamando sua atenção para observar as formas, as cores e as texturas das coisas à nossa volta. Segundo Freire, (2011, p.19): “A leitura de mundo precede a leitura da palavra”.

As produções das crianças devem ser valorizadas e oportunizadas com diferentes materiais para que assim possam desenvolver habilidades e construir as aprendizagens sobre a escrita convencional.

É importante dar a ela papel (mesmo que seja papel de embrulho), lápis, carvão, giz ou outras coisas que sirvam para desenhar. É importante que perguntem para a criança o que ela desenhou e deixem que ela explique o seu desenho. Esta conversa sobre o desenho ajuda a criança a organizar suas ideias e perceber que as pessoas “grandes” se interessam pelo que ela faz e pelo que ela pensa (FREIRE, 1987)

Enquanto professores, devemos proporcionar a inclusão dos individuais no grupo de alunos. Nesse sentido, as aulas de “Educação Especial”, com a nossa querida professora Ana Elisabete Lopes, me fizeram compreender o mundo sob a perspectiva do olhar da pessoa com deficiência. A falta de acessibilidade e mobilidade na cidade do Rio de Janeiro, onde moramos, me fez refletir o quanto é preciso avançar em nossas políticas públicas, para que possamos garantir os direitos dessas pessoas, como efetivamente a inclusão na sociedade. Nessas aulas também foi possível nos capacitar, a partir da

conscientização de que é possível, com criatividade, criar materiais pedagógicos feitos de sucatas e recicláveis, atividades propostas em sala de aula, com os nossos alunos, desenvolvendo assim, um trabalho de inclusão que atenda às necessidades de todos. Para isso, é necessário o alargamento do nosso olhar para as necessidades do outro, pensando em como podemos contribuir para termos juntos uma melhor qualidade de vida.

Durante as nossas aulas, a professora Ana Elisabete nos apresentou sua tese de doutorado, com o tema sendo narrado a partir da fotografia. Tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais de seu trabalho de inclusão nas instituições nas quais ela atuava, onde as diferenças das pessoas eram respeitadas e valorizadas, em uma visão de reconhecimento de suas potencialidades compreendidas dentro das especificidades das deficiências de cada um, para uma vida social dentro e fora da escola. É reconhecendo a fragilidade humana, que vamos nos despir dos preconceitos. Na medida que compreendemos que todos somos seres únicos, incompletos, estaremos lutando para o ensino regular juntamente com o especial. A proposta da educação inclusiva é de que todas as crianças tenham a oportunidade de conviver e aprender juntas.

O termo necessidades educacionais especiais refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem. As escolas têm de encontrar maneiras de educar com êxito todas as crianças, inclusive as que têm deficiências graves (BRASIL, 1994 p. 17-18).

Em um dos nossos encontros, em outra disciplina chamada “Sistema Educacional Brasileiro” fomos convidados a fazer uma linha do tempo da nossa trajetória na educação. Com isso, percebemos que muitos de nós alunos não tivemos a oportunidade de sermos fotografados na escola. Graças ao olhar sensível da professora para as nossas frustrações, a mesma nos ofertou a alegria desse registro, aqui na graduação. Foi emocionante para mim ter essa lembrança linda que guardarei para sempre em minhas memórias.

A fotografia é um documento que tem o poder de eternizar momentos vividos, assim como também de nos despertar as mais lindas memórias que estão guardadas em nossas lembranças. Eu sempre amei o registro fotográfico e agora o enxergo como ferramenta primordial para a prática docente, onde posso capturar momentos das ações pedagógicas que ocorrem no espaço de

educação, promovendo as aprendizagens e os desenvolvimentos das crianças. Serve para mim enquanto professora, como objeto de análise para reflexão sobre os processos de ensino aprendizagem. Essa arte de comunicação também é capaz de permitir um diálogo com lugares e pessoas que viveram em tempos diferentes dos nossos.

Sabemos que a fotografia é capaz de revelar, na imagem, detalhes e aspectos surpreendentes do movimento que o olho humano é incapaz de perceber. E, também, nos leva a imaginar, a criar, a pensar e a repensar sobre o que não está imediatamente revelado na imagem, revela, insinua e oculta: como objeto fala e nos seduz a buscar a narrativa que falta, o dito e o não dito (GUSMÃO; LOPES; PORTO, 2013, p. 114).

Fotografia 02 -- Lembrança do Pró-Saber



Autor da Fotografia: Ana Paula Oliveira

Contextualizando a importância da sensibilidade, as aulas de “Filosofia”, com a professora Paula Padilha, trouxeram a reflexão sobre o olhar do professor para as coisas que acontecem à sua volta, para assim não enxergar somente o prosaico, mas a poesia que há na vida. É por meio da observação e da escuta sensível que será possível registrar de modo único tais acontecimentos, pois cada um de nós tem sua perspectiva de ver o outro, assim como as coisas que acontecem no mundo.

A aprendizagem do olhar é um exercício que deve ser feito constantemente, para isso é preciso a tomada de consciência, que nos tira do automatismo do tempo cronológico, nos fazendo pensar a prioridade das coisas,

no tempo Kairós. Através dessa reflexão, pude constatar que não é sobre a quantidade de fazeres pedagógicos, mas sobre o processo de experiência durante as atividades, é sobre o encontro, a troca e a entrega dos sujeitos, nas interações, que faz com que o tempo seja produtivo e a aprendizagem seja significativa.

[...] a experiência é produzida por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida. Isto significa que temos de fazer um trabalho de reflexões sobre o que foi vivenciado e nomear o que foi aprendido. Todas as experiências são vivências, mas nem todas as vivências tornam-se experiências (JOSSO, 2009, p. 137).

Na educação infantil, atuamos com bebês e crianças muito pequenas, que estão desenvolvendo a linguagem e ainda não conseguem verbalizar o que sentem, como suas emoções e seus sentimentos de frustração. Para ajudá-las nesse processo de construção e conhecimento de si, se faz necessário a sensibilidade na observação e na escuta do educador. Dentro desse contexto, as aulas de expressão corporal com a professora Juliana Medella, foram determinantes para uma melhor compreensão da importância de trabalharmos a linguagem não verbal, e entendi que é possível estabelecer uma comunicação com o outro através das expressões do corpo, como os gestos ou movimentos. O corpo fala mesmo.

Inicialmente, as atividades propostas nas aulas de “Expressão Corporal”, usando o olhar sem a linguagem, eram um grande desafio para mim que não estava acostumada a exercitar esse tipo de diálogo com os meus pares. Através dos exercícios de relaxamento com os olhos fechados, ao sentir a música e o espaço, passei a escutar o meu interior. Ao perceber as sensações, fui me conectando com meu próprio corpo e, com todos, nesse ritmo de aprendizagem, e numa construção coletiva do grupo ou em pequenos subgrupos, construímos lindas narrativas. Essa construção foi possível a partir da apresentação, pela professora Juliana, da obra da artista Pina Bausch, alemã, que foi uma coreógrafa, dançarina, pedagoga de dança e diretora de balé, que criou suas coreografias baseadas nas experiências de vida dos bailarinos. Este mergulho nos inspirou a elaborar várias performances de danças, que, interagindo com a disciplina de “Alfabetização Cultural”, culminaram com lindas e inspiradoras apresentações da turma para o público de professores e familiares.

Fotografia 03 -- Performance "Magia da vida"



Autor da Fotografia: Priscilla Almeida

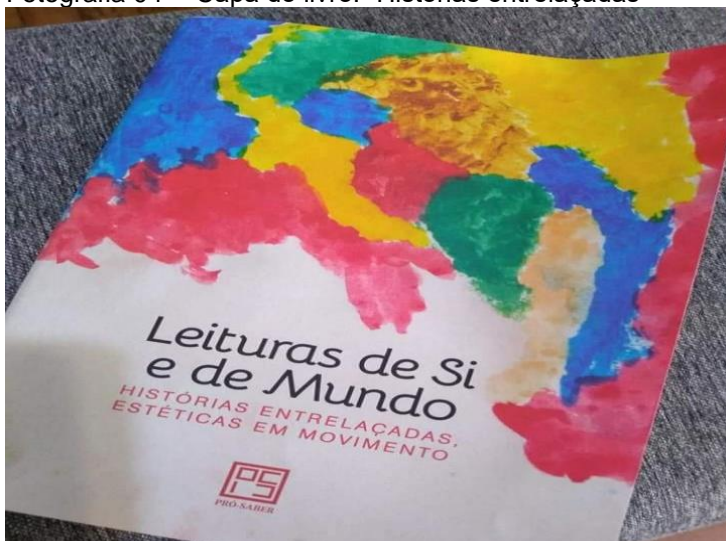
Essa atividade me fez perceber como é importante o trabalho em equipe, e como precisamos dos nossos pares e do grupo para, complementando uns aos outros, irmos executando na cena os movimentos que queríamos mostrar.

A colocação em comum de questões, preocupações e inquietações, explicitadas graças ao trabalho individual e coletivo sobre a narração de cada participante, permite que as pessoas em formação saiam do isolamento e comecem a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedade que estão por descobrir ou inventar (JOSSO,2007, p. 415).

Durante o curso a autoria de cada aluno foi sendo construída e evidenciada nas sínteses das aulas, que são registros reflexivos ou temáticos. O registro reflexivo vem exercitar a metodologia, mediados pelos instrumentos metodológicos, que visa a construção da autoria do sujeito. Através da prática de registrar, fazer a síntese de todas as aulas/encontros, ou de determinados temas, se exercita a observação, a avaliação e o planejamento sobre a prática pedagógica.

Assim, diante deste constante exercício da escrita fomos nos encontrando conosco e deixando a nossa marca no mundo. Através desse pertencimento, fomos tecendo as nossas histórias de vida, o que culminou com a produção do livro "Leituras de si e de mundo: Histórias entrelaçadas, estéticas em movimento". Este livro foi construído com as histórias de cada um da turma, trazendo o nosso lugar de origem e um pouco de como chegamos até o Pró-Saber. Cada aluno recebeu o livro de presente.

Fotografia 04 -- Capa do livro: "Histórias entrelaçadas"

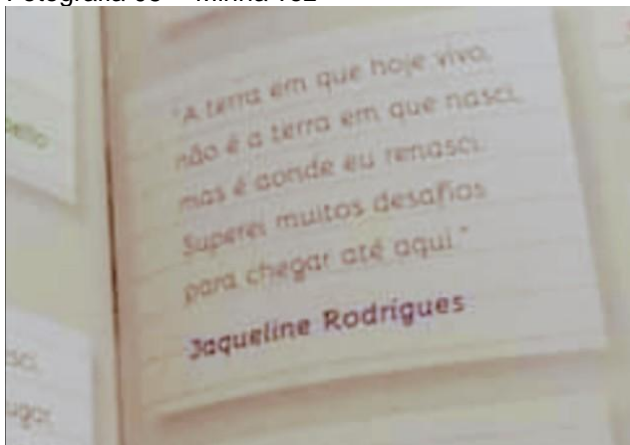


Autora da fotografia: Jaqueline Vasconcelos Rodrigues

O livro foi apresentado no mesmo evento, para familiares e professores, em que houve a apresentação da disciplina "Expressão Corporal", citada acima. Neste momento, cada aluno teve a oportunidade de se apresentar no palco, contando, em poucas palavras, numa linda costura, "quem sou eu". Foi muito marcante poder dizer para o público que a minha cidade natal é Curitiba, que de lá eu vim para o Rio de Janeiro, aos 6 anos de idade, na companhia da minha mãe e do meu irmão, na tentativa de sobreviver à violência doméstica que sofríamos por parte do meu pai, que na época era alcoólatra.

Um trabalho transformador de si, ligados à narração das histórias de vida e a partir delas, tornou se indispensável a uma Educação Continuada, digna desse nome. As narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto (JOSSO, 2007 p. 4015).

Fotografia 05 -- Minha voz



Autora da fotografia: Jaqueline Vasconcelos Rodrigues

E o reconhecimento desse trabalho, da construção desse livro, veio também através do convite para nos apresentarmos na Festa Literária Internacional de Paraty - FLIP, que é um festival literário, considerado um dos maiores do gênero, no Brasil e na América do Sul. Esse evento acontece anualmente, com a presença de muitas pessoas que vêm de todos os lugares do mundo, para, além de prestigiar a cidade, promover a troca de ideias e culturas através da literatura.

Esse, para mim foi um grande contentamento! A nossa visita a Paraty foi um marco muito grande em minha vida. Eu não conhecia a cidade e fiquei literalmente encantada com tanta beleza, empreendedorismo e diálogos de leitura. Que alegria a faculdade nos propiciou, custeando nossa viagem e despesas, investindo em nossa alfabetização cultural e, acima de tudo, nos proporcionando uma experiência incrível. Foi uma maravilha participar dessa atividade cultural!

Fotografia 06 -- Calçadas de Paraty Fotografia 07 -- Apresentação da turma 2018 na FLIP



Autora da fotografia: Márcia Lima



Autor da Fotografia: desconhecido

Outro grande momento, que me fez refletir sobre outro aspecto da metodologia do curso, que se refere a não focar somente no produto final, mas sim no processo de construção das experiências, foi a participação da turma 2018, na Festa da Primavera, que ocorre tradicionalmente no Bairro do Humaitá, onde se localiza a instituição. Representando o Pró-Saber, eu e meus colegas de turma estivemos à frente de uma barraca de livros, ofertando a leitura, com livros produzidos por cada um de nós, que contava a história do bairro onde moramos. Mais uma proposta que vem nos fazer pensar em nossa história e valorizá-la, reconhecendo a importância de conhecer as nossas raízes e os lugares por onde passamos e moramos.

Fotografia 09 -- Produções de livro da turma 2018



Autor das fotografias (08 e 09): Márcia Lima

As aulas de “Metodologia de Pesquisa”, com as professoras Maria Delcina Feitosa e Cristina Porto, foram fundamentais para a compreensão de alguns conceitos essenciais para minha formação e ainda, para a construção deste trabalho. Aprendemos como fundamentar uma pesquisa e como apresentá-la em forma de narrativa. Aprendi, enquanto professora pesquisadora, que é preciso, nos momentos de observação, aguçar a escuta para o que não está explícito em palavras.

Neste sentido, Gabriela Romeu (2016, p. 43) traz uma importante reflexão. Ela aponta que, para adentrar no universo infantil, é necessário termos um olhar para dentro de nós, enxergando nossas próprias infâncias: “E assim, com um olho virado para dentro e outro pra fora, surge um diálogo (ou uma troca olhares) entre infâncias”. E sabendo que as crianças são espontâneas e imprevisíveis, o pesquisador deve estar atento, munido de ferramentas que permitam o registro através da escrita, das fotografias, de vídeos, áudios, entre outros, alcançando assim um olhar mais abrangente. Sobretudo, para Gabriela Romeu (2016, p. 43): “É preciso entrar no território da infância em estado de alerta. E também em estado de entrega: disponível ao encontro, num delicado, às vezes frágil jogo dialógico”. A pesquisa requer responsabilidade, e com o uso dos instrumentos metodológicos é possível colher as informações necessárias, e com muita criatividade transformá-las em belas narrativas.

Pensando no meu trabalho, compreendo que as crianças na primeira infância aprendem pelas experiências que lhes são propiciadas, é através dos sentidos, perpassando pelo seu próprio corpo que elas criam significados para

as coisas do mundo em que vivem, fazendo a construção de sua própria aprendizagem. Para Sousa (2015, p. 140-164), “[...] a infância é caracterizada pela captura do mundo pela experiência e pela narração do mundo através de práticas [...]. O que se aprende através dos usos dos sentidos não pode ser ensinado através da oralidade. O pesquisador que almeja saber sobre as crianças deve aprender delas como elas aprendem do mundo: pela experiência”.

Com a professora Cristina Porto na disciplina “O Brincar e sua importância na educação Infantil”, aprendemos que as brincadeiras de infância são fundamentais para as crianças. Com suas propostas de atividades envolvendo o brincar, resgatamos, como educadoras, as nossas memórias de momentos maravilhosos vividos nas nossas infâncias. Reconhecemos os mesmos como parte de nossa cultura lúdica que deve ser passada de geração para geração, a fim de que não se percam. A brincadeira se aprende na interação de crianças e adultos e para isso é necessário construir um repertório de possibilidades, Segundo Brougère (1995, p. 104), “as crianças brincam com o que tem na cabeça e nas mãos”.

Para o pesquisador francês, o brinquedo é um objeto de cultura e a brincadeira uma aprendizagem social, um processo que se nutre da cultura em geral e da cultura lúdica de cada um. Nessa disciplina, aprendemos também, que o brincar exige: espaço, tempo, companhia e suporte. Com isso, percebemos a importância de oferecer nos espaços de educação, momentos divertidos com brinquedos e objetos, para que assim, juntos, professores e alunos, através da interação, possam conhecer e aprender sobre as diversas formas de brincar.

Nas aulas de “Prática Pedagógica”, com a professora Cláudia Sabino, aprendi sobre a importância de trazer sempre novidades para a sala de aula, saindo da rotina rotineira e instigando a curiosidade dos alunos em todos os espaços. O desafio é fazer com que a surpresa e o encantamento estejam presentes no nosso cotidiano, e assim, a alegria e o prazer de frequentar a creche permaneça sempre entre nós, visando com diligência, a continuidade de atividades pedagógicas que contribuam para a ampliação do repertório de conhecimento.

E nesse constante exercício de pensar e elaborar atividades significativas para as crianças, as aulas da professora Patrícia Gonzalez, na disciplina “O Currículo da Educação Infantil”, foram fundamentais para mim. Aprendemos sobre o currículo e como pode ser construído, como um caminho de trabalho, onde a principal conquista é a aprendizagem significativa das crianças, protagonistas desse processo. Dentro de cada escola, visando o desenvolvimento dos campos de experiências da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), o currículo pode seguir a metodologia de ensino e as singularidades da instituição, respeitando a realidade de cada uma.

Ainda com a professora Patrícia, aprendemos sobre a importância do trabalho com projetos, na disciplina ‘Projetos e Trabalhos Escolares na Educação Infantil’. Vivenciamos os projetos literários, como podem ser construídos a partir de uma história, em que o tema disparador venha ao encontro dos questionamentos e necessidades dos alunos. Diante desse contexto dialógico da disciplina, com a coordenação da professora Patrícia, eu vivenciei momentos emocionantes.

Ela nos ofertava o conhecimento de seu acervo literário, através de um planejamento com espaço para apresentações dos livros, bem como com contações de histórias. A nutrição literária é uma das propostas pedagógicas, que faz parte da metodologia do curso, e que reverberou sentimentos de puro prazer, alegria e reflexão, fazendo com que eu me sentisse afetada de maneira singular. Confesso que era um dos momentos mais esperados da aula e apreciados por mim, pois alimentava a imaginação e a criatividade, como fonte de inspiração.

Hoje eu posso levar, com desenvoltura, essa prática diária para a turma de crianças que eu atendo na creche. Após a algum tempo, sendo para nós um modelo de mediadora de leitura, a professora Patrícia, com muita afetividade, nos propôs este belo exercício de exposição, onde eu tive por vezes a oportunidade de ler para os colegas da graduação. Através deste exercício, foi possível evidenciar a importância das práticas de leitura em sala de aula, trazendo a conscientização para nós educadores do tesouro que temos em nossas mãos. E assim, fui me aproveitando as oportunidades de mostrar com alegria o que aprendi nas aulas sobre as práticas de leitura, percebendo meu potencial, quando o livro estava em minhas mãos.

Fotografia 10 -- Mediando a leitura



Aurora da fotografia: Thayane

Dentro dessa perspectiva, nós alunos tivemos a oportunidade de compreender como o ato de ler para o outro envolve o nosso conhecimento prévio da leitura do livro sugerido, assim como outros recursos que envolvem a entonação de voz, bem como a comunicação gestual. A organização do espaço deve contar com materiais como fantoches, palitoches, aventais entre outros...

Comecei ainda a me interessar por conhecer a diversidade de gêneros textuais e me aprofundar nos livros de literatura infantil. Foi vivendo essa experiência, esse real encontro com a leitura, que fui atravessada por ela, voltando a sentir a necessidade de ler, desejo que estava adormecido.

No último ano, para concluir a graduação, fomos desafiados a viver em isolamento social devido à pandemia que nos afeta mundialmente com o novo coronavírus, a Covid 19. Essa doença respiratória tem o poder de levar a óbito os seres humanos, após sua contaminação e complicações decorrentes da inflamação que atinge os pulmões e as vias respiratórias.

Diante do caos dessa situação, eu e meus colegas de turma fomos convidados por nossos professores a nos reinventar, com o novo formato de aulas à distância, em que, para atender a necessidade de todos, a equipe gestora facilitou o acesso, possibilitando os encontros virtuais, pelo Whatsapp.

Enfrentei uma grande resistência que tinha com as ferramentas tecnológicas, precisei enfrentar esse medo e criar estratégias para superar essa dificuldade.

O medo faz parte do processo de aprendizagem, do agir do fazer. Termómetro que se dá nascendo, construindo o novo, é o gosto de medo no corpo. Não fomos educados para enfrentar o medo desta construção em si para a passividade silenciosa, omissa do não se expor, para bem educadamente reproduzir o conhecimento. Enfrentar o medo de expor, de assumir-se, rompendo nossa couraça autoritária, é o anúncio de uma nova relação numa concepção democrática de educação, em que cada um aposta e depende do outro e de si, para a construção de sua autoria, do conhecimento e da sua história (FREIRE, 2008, p. 62).

As aulas de Auto Formação pelo uso das Tecnologias da Comunicação e Informação (TICS), com a professora Flávia, me fizeram enxergar os benefícios e a praticidade dessa ferramenta, e o quanto eu tenho para aprender na prática, pesquisando, lendo e buscando conhecimento para a minha auto formação. Assim, como através deste recurso, possibilitar aos meus alunos propostas que envolvam o uso da tecnologia, elaborando atividades contextualizadas a essas ferramentas.

E aos poucos, em um processo lento, diante da necessidade de encarar minhas responsabilidades com as tarefas do curso, eu comecei a exercitar a digitação, bem como a ter interesse pelas informações e conteúdos das aulas. Freire (2008) diz que “para pensar, conhecer um objeto é necessário recriá-lo, reinventá-lo. Nesse processo ocorrem mudanças não somente no objeto, mas também no sujeito que atua”.

Toda essa revolução que vivenciamos me fez pensar no quanto foram importantes as aulas com a professora Elaine Caetano, na disciplina de “Psicologia e Comunicação II”. Nos nossos encontros virtuais, foi possível compreender como é imprescindível a construção do vínculo afetivo. Agora, mais do que nunca, tivemos que criar estratégias para manter a parcerias com as famílias das crianças, com as quais precisávamos nos relacionar virtualmente.

Com a professora Clara Araújo, tivemos a disciplina “O professor e o seu papel político”, me fazendo refletir sobre a importância desse papel político atuante na sociedade, refletindo sobre nossas atitudes e postura diante da comunidade escolar a qual pertencemos. A relevância das nossas ações reflete em nossos alunos e responsáveis e na transformação que necessitamos para uma melhor qualidade de vida do coletivo.

Na concepção democrática de Educação, os alunos são atuantes em seu processo de construção da própria aprendizagem, e nesse constante exercício da reflexão, observação, planejamento e avaliação o professor vai exercendo a democracia, tomando consciência da responsabilidade que está em suas mãos. Honrando diariamente a profissão pela qual optou. A renovação faz parte do processo de construção de um mundo em evolução, por isso, não podemos nos paralisar, temos que usar o que temos a nosso favor. No momento, a tecnologia nos potencializou a realizar nossos encontros e as nossas pesquisas para a construção dessa monografia. E, como afirma Freire (2008):

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2008, p. 30-31):

A minha formação no Pró-Saber foi fundamental para a realização dos meus sonhos, desejos e vontades. Agora, posso celebrar com alegria a conquista da minha tão sonhada graduação. E, através da minha postura, do meu discurso, será possível anunciar para o mundo qual foi a concepção de educação em que me formei e a qual defenderei por toda minha vida. Hoje me sinto valorizada e mais preparada para atuar, tendo a leitura, a escrita e a reflexão como parte do meu ser. Tenho a consciência que cada dia lança um novo desafio e que estarei sempre na busca da minha incompletude, pois nunca estarei pronta, somos seres inacabados.

Fotografia 11 -- Sala do Pró Saber



Autora da Fotografia: Marcia Lima

3 DIÁLOGO DE LEITURA ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

Durante o curso, a partir dos nossos estudos sobre a importância das práticas de leituras nos espaços de educação infantil, o meu olhar se ampliou. Baseado nas pesquisas de alguns teóricos, eu pude compreender que o gosto pela leitura começa desde cedo na vida das crianças, com as histórias de literatura infantil, quando o adulto lê para elas antes de dormir ou quando ele lê para si, mostrando interesse também pelos livros destinados ao público infantil. E com alegria, encantamento e prazer, se coloca com postura de leitor, para a todos a sua volta, servindo de modelo, principalmente, para as crianças em fase de desenvolvimento.

Estudando essa temática, eu fui afetada de maneira única, compreendendo que se o professor for modelo leitor e escritor, com certeza, influenciará de forma positiva seus alunos, em relação à construção do hábito de leitura. Segundo Maciel (2010): “O professor não deve apenas ser mediador de leitura, deve ser leitor, deve ser visto lendo, o que motivará seus alunos. Sendo objeto assíduo de seu objeto de trabalho, o livro, o professor torna se responsável pela interação entre a criança e o livro”

Observo que muitos adultos não têm o hábito de leitura, desconhecendo a grandeza do texto literário. Alguns chegam a ser traumatizados pelas leituras dos livros didáticos ou literários de má qualidade ou inadequados pela faixa etária ou temática, que até hoje são impostas na escola. Essas leituras maçantes na rotina dos educandos eram praticamente obrigatórias, não deixando espaço/tempo para todas as outras tarefas, como as brincadeiras, por exemplo, que emanam contentamento e prazer. Por isso, penso que é imprescindível, desde muito pequenos, oferecer o contato com diferentes textos e gêneros literários na formação do sujeito, ampliando assim o acesso e possibilidade de escolha. Como diz Saramago¹: “E se as histórias para crianças passassem a ser leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar”?

¹ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=i1WQE6aBrF4&list=RD1WQE6aBrF4&start_radio=1.

Acesso em: 24 nov. 2020.

O hábito de ler acontecerá de forma natural, se o leitor tiver a oportunidade de se reconhecer nas histórias dos autores que as escreveram, de elaborar novas hipóteses sobre si e as diferentes maneiras de viver e estar no mundo. Hoje entendo que a leitura deve ser degustada de forma prazerosa, outrora, na concepção autoritária de educação, na qual fomos educados, muitos professores, assim como eu, não tiveram esse privilégio em suas formações, com isso, acabam limitando seus alunos acerca desse direito.

Na minha formação no Pró-Saber, aprendi sobre a importância do ato de ler e escrever que deve ser exercitado diariamente, fazendo parte da rotina das crianças e dos adultos envolvidos, construindo assim pontes de comunicação e vínculos afetivos entre ambos. Posso afirmar que ler e escrever aprende-se na interação, levando-se em consideração a cultura em que estamos inseridos. Portanto, é de extrema importância que a leitura não seja uma obrigação, mas seja vista como um conhecimento necessário ao ser humano, sendo desfrutado como momento de acolhimento e afeto.

Durante a graduação eu compreendi que, na literatura, encontramos abrigo, refúgio e acalento para as nossas emoções. Para Couto (2005, p. 120) “o escritor nos dá através de sua escrita um universo que encontrava adormecido dentro de nós, um re-encantamento através da leitura”. Com a literatura infantil, que tem um papel determinante na formação do leitor e escritor, não é diferente.

Para os educadores que atuam diretamente nas salas de aulas com as crianças, ter uma visão ampliada a respeito desse assunto, significa pensar e elaborar um planejamento com espaço diário para as práticas de leituras, pois a leitura tem o poder de despertar na criança a criatividade, as emoções, e uma imersão ao mundo imaginário do faz de conta, além de ampliar o vocabulário, o que acontece naturalmente. O professor como mediador deve ofertar experiências bem-sucedidas de leitura, assim como um maior contato possível com a linguagem escrita.

Selecionar o acervo e conhecer previamente as histórias que serão compartilhadas com as crianças, precisa fazer parte do planejamento do professor. O acervo deve ser escolhido pensando em incluir a maior diversidade possível de gêneros textuais, como poemas e outros, livros de tamanhos e formatos diferentes, de autores nacionais e internacionais, que tratem de diferentes

temas, sempre pensando em despertar a sensibilidade das crianças no momento da leitura.

O encantamento pela leitura perpassa pelo imaginário infantil e pela possibilidade de criação que as crianças têm, cabendo ao educador dar espaço para que as crianças possam dar asas para imaginação. A ludicidade é elemento indispensável desta relação, por isso, as dramatizações são essenciais para interpretar as personagens da história, onde a escuta e a atenção das crianças são atraídas por essa estratégia. Nos momentos de contação de histórias, podemos, por exemplo, explorar as páginas dos livros, valorizando suas imagens, chamando atenção e aguçando a curiosidade dos pequenos para o que virá na página seguinte, provocando uma deliciosa expectativa envolta de surpresa, tornando a história ainda mais interessante. Como diz Maciel (2010):

O lúdico e o sensorial, aliados ao emocional estão no bojo da proposta do professor que, em suas mediações, poderá recorrer a estratégias variadas para obter seus objetivos junto ao leitor infantil, em vez de insistir no caráter utilitário do texto, o professor há de prover seus alunos com dramatização, contar histórias e resumir filmes baseados em narrativas literárias, recorrer a fantoches, ler com entusiasmo passagens de romances, contos e poemas, enfim, possibilitar que a criança se envolva na miniatura de mundo que é cada livro. Deduz se daí que a ação do professor torna se efetiva e afetiva (MACIEL, 2010).

Observo que a constância do exercício da contação de história, além de criar um hábito, uma rotina, traz uma infinidade de encaminhamentos para o desenvolvimento das crianças, como por exemplo, o ato de ler um livro várias vezes, que é uma prática pedagógica de grande valor, e leva as crianças a recontarem a história e até mesmo, pensando junto com o adulto, criar outros finais para a história. Com essa prática, como mediadores da leitura, é necessário um planejamento da parte do professor para melhor conduzir tais momento de leitura. Para Lerner (2010):

Um clima propício para desfrutar dele: propõem às crianças que se sentem a seu redor para que todos possam ver as imagens e o texto se assim o desejam; ler tentando criar emoção, intriga, suspense ou diversão (conforme o tipo de história escolhida); evita as interrupções que poderiam cortar o fio da história e, portanto, não faz pergunta para verificar se as crianças entendem, nem explica palavras supostamente difíceis; incentiva as crianças a seguir o fio do relato (sem se deter no significado particular de certos termos) e a apreciar a beleza daquela passagem cuja a forma foi especialmente cuidada pelo autor. Quando termina a história, em vez de interrogar os alunos para saber o que compreenderam, preferem comentar suas próprias impressões- como faria qualquer leitor -e é a partir de seus comentários que se desencadeia uma animada conversa com as crianças sobre as mensagens que se pode interferir a partir do texto, sobre o que mais

impressionou cada um, sobre os personagens com que se identificam, ou o que lhes são estranhos, sobre o que elas teriam feito se houvessem tido que enfrentar uma situação similar ao conflito apresentado na história (LERNER, 2010).

Para que as experiências de leitura aconteçam de maneira enriquecedora, penso que é essencial a presença dos livros não somente na biblioteca ou nas salas de leitura, mas dentro das salas de aula, ao alcance dos nossos pequenos leitores.

Para diminuir o distanciamento entre livros e crianças, atualmente temos a proposta de organizar cantinhos nas salas de aula de educação infantil, espaços onde o livro tenha um lugar de destaque, que seja convidativo para as crianças manusearem com liberdade, possam se sentar e compartilhar a leitura com o amigo. O contato e manuseio dos livros, além de muitas possibilidades de aprendizagens, contribui para a construção das memórias afetivas, que carregamos por toda a nossa vida. A fotografia abaixo captou um desses momentos de leitura desfrutados pelas crianças da minha turma de maternal II.

Fotografia 12 -- Momentos de leitura na sala de aula



Autora da fotografia: Jaqueline Vasconcelos Rodrigues

Durante a minha formação no curso do Pró-Saber, por várias vezes, fui provocada pelos professores a pensar a respeito do educador como adulto referência, como modelo positivo e atuante para os alunos. Refletindo sobre isso, cheguei à conclusão que as crianças passam a maior parte do dia dentro das instituições de ensino, sendo então nossa responsabilidade oferecer uma

educação pública de qualidade, especialmente, dando acesso a esse patrimônio da leitura e da escrita, que é direito de todos. E nesse contexto, somos constantemente observados pelas crianças, que recebem influência constante do educador. É sobre isso que o Pró-Saber vem tratar, ao nos fazer refletir sobre a tomada de consciência das nossas ações, que interferem na formação das crianças na primeira infância.

Na concepção democrática, o educador assume se como modelo porque sabe, admite, aceita que a aprendizagem é alicerçada na imitação e na cópia. Num primeiro movimento, a imitação e a cópia precisam de modelo para ser um parâmetro de pensamento. Um parâmetro de aprendizagem para que, sendo instrumentalizado, checado, questionado, possa começar a ser recriado. Sendo assim, num primeiro movimento, o educador copia imitando fielmente (tem que ser igual, fazer igual). No segundo movimento, este representa com as próprias palavras o que o modelo representa. Isso se dá em todos os momentos da nossa aprendizagem, como, por exemplo: se você ficha um livro, você não consegue dizer de cara tudo com suas próprias palavras, você copia trechos e etc. Já no terceiro movimento de recriação do modelo, passa a perceber que é diferente (eu não sou ele, ele me inspira em algumas coisas, mas eu faço do meu jeito (FREIRE, 2008, p.195 -196).

O livro apresentado e a leitura oportunizada pelo educador, as crianças vão constituindo-se no modelo, assim também como no grupo, uns com os outros, construindo nas individualidades o prazer de ler. Os livros são uma fonte inesgotável de conhecimentos, e se eu, enquanto educadora, com diálogo e acolhimento, propiciar experiências de leitura significativas para as crianças, estarei contribuindo de maneira enriquecedora para esse encontro. Lerner (2002) alerta que:

ao adotar em classe a posição de leitor o professor cria uma ficção: procede "como se" a situação não acontecesse na escola, "como se" a leitura estivesse orientada por um propósito não didático compartilhar com os outros um poema que emocionou ou uma notícia jornalística que o surpreendeu, por exemplo. Seu propósito é, no entanto, didático: o que se propõe com essa representação é comunicar a seus alunos certos traços fundamentais do comportamento leitor. O professor interpreta o papel de leitor e ao fazê-lo, atualiza uma acepção da palavra "ensinar" que habitualmente não se aplica ação da escola, acepção cuja relevância no caso da leitura foi assinalada há tempo (LERNER, 2002).

Enquanto professora da rede pública de educação, tenho observado a carência dos livros em alguns lares, principalmente, nos das crianças das classes menos favorecidas, onde o modelo leitor nas famílias praticamente não existe. Refletindo sobre isso, ressalto aqui, a importância da escola que consiste

em estabelecer um contato, uma troca constante com as famílias, criando estratégias, através do diálogo, para aproximar as famílias desse universo literário, não só convidando-as para atividades de leitura na creche, como fazendo com que os livros trabalhados em sala cheguem às casas das crianças, mesmo que sejam elas os únicos “leitores” ali.

Nesse sentido a Base Nacional Comum Curricular nos traz a orientação sobre a importância da integração da escola com as famílias das crianças. Segundo consta da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (data): “A integração com as famílias necessita ser mantida e desenvolvida ao longo da permanência da criança na creche e pré-escola, exigência inescapável ante as características das crianças de zero a cinco anos de idade o que cria a necessidade de diálogo para que as práticas junto às crianças não se fragmentem”.

Diante desse contexto, observando a necessidade das crianças e das famílias da Instituição de Educação em que eu trabalho, desenvolvemos um projeto de leitura, em que o objetivo principal é mostrar para a comunidade escolar como esses momentos podem ser prazerosos, cheios de acolhimento e amor.

Essa proposta pedagógica teve início após o recesso escolar, no período de acolhimento, onde as famílias eram convidadas pelos educadores a entrarem nas salas com as crianças e assim poderem desfrutar dos cantinhos de atividades, em um ambiente totalmente organizado e convidativo para a prática de leitura. E assim, cada família tinha a liberdade de escolher o livro que gostaria de partilhar. A princípio, os professores, como mediadores, leram as histórias sugeridas para a turma juntamente com as famílias. Através da mediação de leitura, era possível sentir a satisfação e a alegria dos mesmos ao ouvirem as histórias.

Estendemos então a proposta ao longo do ano, mas agora com o projeto do “livro viajante”, onde os mesmos eram escolhidos pelas crianças, junto aos responsáveis, para passarem os finais de semana com eles em casa. Com essas atividades, estamos contribuindo para as experiências positivas de leitura nas escolas, se expandindo para as casas e criando memórias que certamente ficarão registradas.

A atividade do “livro viajante” vinha acompanhada de uma sugestão de registro das vivências, com desenhos, fotos ou relatos da experiência. Apesar da grande maioria ainda mostrar vergonha em trazer os registros, pude perceber em conversas com as famílias, que foram momentos de satisfação e empenho. É muito gratificante saber que com esses movimentos estou estreitando as relações das famílias com a leitura. Enquanto educadores, somos multiplicadores de ideias, acreditamos que o prazer de ler deve ser contagiante. Não tenho mais dúvidas de que é possível despertar nas crianças o interesse pelos livros, através do diálogo sensível com a literatura, e ainda, que nessa interação podemos acessar diferentes assuntos, que as crianças pequenas muitas vezes ainda não dão conta de verbalizar.

Através da literatura as questões que as crianças sentem e vivem no cotidiano podem ser abordadas, questões que podem auxiliar não só na solução de conflitos, mas também na construção da identidade. Como professora, observo, nas rodas de contação de histórias, o quanto conseguimos trabalhar com as crianças assuntos pertinentes e inerentes ao ser humano, como os sentimentos e as diversas possibilidades e formas de viver e estar no mundo. Sem contar a importância e riqueza do contato com diferentes gêneros textuais, ampliando o repertório cultural das crianças.

A literatura é uma conversa sobre as dúvidas. É uma conversa sobre as delicadezas, sobre as faltas. Não é uma conversa crua como desejam as ciências exatas. A literatura é mais delicada. Ela trabalha com a dúvida, com as incertezas, com as inseguranças, com as faltas que são coisas que nos une (QUEIRÓS, 2011).

Levando em conta tudo que dialogamos até aqui, penso ser essencial o papel do professor como modelo leitor e escritor. É na escola que as crianças têm suas aprendizagens sistematizadas, e a literatura vem auxiliar este processo, dando ao professor pistas sobre o que já conhecem e o que desejam conhecer. As leituras diárias com livros de qualidade e textos significativos ajudam as crianças nessas construções. Todas as crianças devem ter esse direito garantido, mesmo que futuramente trilhem caminhos distantes do mundo literário. E ainda assim, terão para sempre em suas memórias esses momentos de partilha, de afeto e alegria junto ao professor e o grupo de amigos. É importante ressaltar que o sucesso desses processos de aprendizagem, construção e apropriação, dependem da aposta e do esforço que o professor faz

para que aconteça o encontro do aluno com a literatura, que se dará através de momentos prazerosos e encantadores de leitura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a minha trajetória no Pró-Saber, percebi o quanto é fundamental a formação de professores dentro de uma concepção democrática de educação, e acredito que esta tem sido a chave para o sucesso das experiências bem-sucedidas dos alunos, tornando-os modelos, que influenciam de modo satisfatório as escolhas e os comportamentos de todos a sua volta, principalmente das crianças na primeira Infância, que estão em fase de desenvolvimento e formação de identidade.

Pude observar o quanto é imprescindível o educador se atualizar em relação às novas metodologias de ensino. Foi através dessa formação continuada, que conheci os instrumentos metodológicos de Madalena Freire, e que passei a fazer o exercício da reflexão, o que me faz me sentir a cada dia provocada e desafiada a rever a minha prática.

Apreendi aqui na graduação que à medida que o sujeito vivencia momentos de interação e experiências coletivas, dentro de um grupo, ele enriquece seu repertório com a troca dos saberes, e assim, todos juntos promovem a construção do conhecimento.

Na Educação Infantil, a criança reproduz muito de suas vivências através da brincadeira, trazendo situações de seu cotidiano, com as pessoas e espaços que frequentam. Para uma maior compreensão desse universo infantil, é preciso que o professor treine seu olhar, para assim ter uma escuta aguçada e interessada para o que os pequenos querem comunicar. Esse comprometimento do professor requer muito estudo e desejo pelo saber, buscando se fundamentar nas pesquisas dos teóricos da educação, que são um norte para uma prática com sentido, com propostas pedagógicas significativas para as crianças.

Contemplei muito do que trago no meu caminhar neste trabalho monográfico. Através dos registros escritos e fotográficos, busquei compartilhar um pouco da minha aprendizagem enquanto educanda e educadora. Busquei trazer reflexões que julgo importantes sobre como atuar na educação infantil, em uma ação dialógica, com a literatura, evidenciando como esses momentos podem reverberar prazer e alegria.

As disciplinas do curso contribuíram de maneira muito objetiva para minha compreensão, a qual foi vivenciada com experiências incríveis e inovadoras

junto ao grupo de professores e alunos. As socializações e trocas dos saberes influenciaram de forma construtiva cada um de nós. A transformação do meu pensamento e das minhas ações perpassou por uma desconstrução interna e reconstrução do meu próprio eu.

Hoje a minha identidade profissional se dá no meu comprometimento com a aprendizagem dos meus alunos, requerendo de mim uma oferta qualitativa de conteúdos que ampliem seu repertório. E ainda permanece a busca por um trabalho comprometido, onde o registro diário de ações, atividades, experiências e vivências fazem parte do cotidiano escolar, auxiliando no planejamento junto aos alunos. É preciso também que o professor goste do que faz, para assim despertar em seus alunos o gosto pelo conhecimento, pela leitura e pela escrita, que terá a sua função emergindo naturalmente nas relações de convivência, como fonte de comunicação.

É dever de todos nós professores provocar o encontro e encantamento de nossos alunos com a literatura, para assim contribuir desde cedo para formação do leitor e escritor. O professor como mediador do saber também deve provocar a curiosidade das crianças para as transformações que ocorrem na natureza e no mundo, pesquisando junto a elas as respostas, para que desde cedo, exercitem a busca pelo conhecimento.

Espero que com esse meu estudo sobre a minha formação profissional e a importância da literatura na educação infantil, eu tenha conseguido partilhar meus saberes e entendimentos com professores que atuam em salas de aulas, fazendo com que se sintam instigados a desenvolverem trabalhos relacionados a essa prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Declaração de Salamanca**: recomendações para a construção de uma escola inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2003.
- BRASIL. **Lei nº 9.394** de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm. Acesso em: 03 nov. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Projeto Leitura e escrita na educação infantil**. Brasília: UFMG; UNIRIO; UFRJ, [20--]. Disponível em: <http://www.projetoleituraeescrita.com.br>. Acesso em: 1 nov. de 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 03 nov. 2020.
- BORBA, Ângela. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, Patrícia (org.). **Educação Infantil**: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- BROUGERE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez 1995.
- COUTO, Mia. **Pensamentos**: textos de opinião. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.
- FERRARI, Márcio. António Nóvoa, o garimpador de histórias de vida. In: **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril, n. 215 set./2008. Disponível em: <http://novaescola.org.br/conteudo/1666/antonionovoa-o-garimpador-de-historias-de-vida>. Acesso em: 2 ago. 2020.
- FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Madalena. **Desenhar é um jeito de escrever** [carta]. São Paulo, 1987 (mimeo).
- FREIRE, Madalena. **Educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, Madalena. **Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação**. Rio de Janeiro: Comunidade Pró Saber, 2014.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- HELM, Judy Harris; BENEKE, Sallee. **O poder dos projetos**: Novas estratégias e soluções para a educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GUSMÃO, Denise Sampaio; PORTO, Cristina Lacleite. **Arqueologia de si e delicadeza**: a fotografia e o outro como caminhos. In: SOUZA, Elizeu Clementino de, CUNHA; Jorge Luiz da, FURLANETTO; Ecleide Cunico, BIASOLI; Karina Alves (orgs) Anais [...] VIII Congresso Internacional de pesquisa (Auto) Biográfica. Digital - São Paulo. BIOgraph, 2018. Disponível em: http://viicipa.biograph.org.br/wp-content/uploads/2019/02/29E1COM_COMP_Cristina-Lacleite-Porto.pdf. Acesso em: 12 mar. 2019.
- INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER. **Projeto Político Pedagógico**: Curso Normal Superior. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2008.

JOSSO, Marie-Christiane. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** In: Educação. Porto Alegre/RS, ano XXX, n.3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: http://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_transfor2.pdf. Acesso em: 20 jul.2020.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação. n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/redu?n19a03.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2020.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário.** Porto Alegre: editora, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina.** Rio de Janeiro. 2003.

LOPES, Ana Elisabete; GUSMÃO, Denise Sampaio; PORTO, Cristina Lactette. **Correspondências entrelaçadas: percursos de pesquisa com fotografia.** In: KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda e CARVALHO, Maria Cristina. (Org.) **Educação Infantil: formação e responsabilidade.** Campinas, SP: Papirus,2013.

MACIEL, Francisca. Educação, leitura e literatura: diálogos possíveis. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Literatura: ensino fundamental.** Brasília: MEC/SEB, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=7840&Itemid=. Acesso em: 1 de nov. 2020.

NÓVOA, Antonio. **A formação de professores.** In: NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. Lisboa: Repositório. UL., 1992. Disponível em: <http://core.ac.uk/reader/12424596>. Acesso em: 2 ago.2020.

PENA, Alexandra. Diálogo, encontro e agir ético: a contribuição das histórias de vida para formação. In: KRAMER, Sonia; PENA, Alexandra; TOLEDO Leonor BARBOSA, Silva Neli (Orgs.) In. **Ética: pesquisa e práticas com crianças na Educação Infantil.** Campinas, SP: Papirus, 2019.

SARAMAGO, J. **A maior flor do mundo** (recurso digital). Narração de José Saramago. Portugal: Continental, [s. d.]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i1WQE6aBrF4&list=RD11WQE6aBrF4&start_radio=1. Acesso em: 24 nov. 2020.

ROMEU, Gabriela. Narrativas do Olhar: notas de um diário. In: **Mapa da Infância Brasileira.** Quem está na escuta? Diálogos, reflexões e trocas de especialistas que dão vez e voz às crianças, 2016. Disponível em: http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2016/11/T300000001836-0-Mapa_infancia-000.pdf. Acesso em: 4 de Mar. 2020.

SOUSA, Emilene Leite de. **Umbigos enterrados: Corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância.** Tese de doutorado em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis, SC, 422 p. 2014.

VYGOTSKY, Lev. Semenov. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.